

Excursão pelo Baixo-Alentejo¹

1897

Em 1897, sendo eu Conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa, relacionei-me com o Rev.^{do} P.^o Pires, então Prior de Castro Verde, que ali fôra consultar livros. D'essas relações resultou propor-me ele fazermos ambos uma excursão pelo *Campo de Ourique*, proposta que eu de bom grado aceitei, porque nunca tinha ido a essa região (nem depois lá voltei até hoje), e desejava conhecê-la, e aí fazer alguns estudos.

Parti de Lisboa em 23 de Junho de 1897 para a estação do Carregueiro, aonde o Rev.^{do} Prior me foi esperar. Cheguei á vila de Castro Verde na manhã seguinte, e logo no mesmo dia comecei as minhas investigações. D'elas vou dar conta um pouco soltamente, extractando da minha carteira n.^o LXIX as notas que aí tomára.

24 de Junho.—Visitei na *vila de Castro* a igreja matriz e a das Chagas do Salvador. Como eu andava com um eclesiastico, era natural que primeiro que tudo ele me mostrasse cousas de religião.

Na igreja matriz de Castro Verde ha azulejos de côr azul e branca em que se representam scenas da batalha de Ourique: a aparição de Cristo, a tenda de D. Afonso Henriques, o combate propriamente dito, etc.

Na igreja das Chagas do Salvador, ou da Senhora dos Remedios, na mesma vila, ha quadros com scenas historicas da vida d'aquele Rei, analogas e correspondentes ás dos azulejos da matriz: tomada de Santarem, aparição de Cristo ao Rei, o eremitão a tocar a sineta, a batalha de Ourique, estando no chão as *cabeças dos reis mouros*². Notarei que perto de Castro Verde fica o sitio de *S. Pedro das Cabeças*, onde a lenda diz que se travou a batalha (vid. adiante). Tambem, segundo a lenda, a aparição de Cristo aconteceu dentro da igreja das Chagas do Salvador.

Com os azulejos e os paineis se relaciona um padrão que foi erecto em Castro Verde em 1792 em memoria da batalha de Ourique,

¹ Este artigo já devia ter saído num anterior volume d'*O Archeologo*, o que não pôde ser.

² Não tenho indicação da data dos azulejos, mas provavelmente são do sec. XVIII.

do qual só hoje (isto é, ao tempo da minha visita) resta a escadaria e o pedestal, que tem tres inscrições, sendo duas latinas e uma portuguesa.

O padrão e as inscrições estão publicados no *Novo Almanach de Lembranças* de 1872, p. 360 sgs. Confrontei com os textos da pedra os textos publicados, e achei na parte latina d'estes algumas divergências, como: PORTVGALIAE em vez de PORTVGALLIE, com LL e Æ: além d'isso ÆE sempre em vez de Æ; na linha 13 da inscrição da frente CRATO em vez de CRATTO; na linha 11 da inscrição da retaguarda POSTIUM (erro tipografico) em vez de HOSTIUM.

Vê-se que naquele rincão alentejano acharam certo eco artistico as fantasias fradescas de Alcobça, pois que lisonjeavam o amor patrio dos habitantes de Castro Verde e seu termo.

*

Por ser dia de S. João, observei muitos costumes populares, e tomei notas que pertencem a outro trabalho. Uma d'elas acêrca da *espera*, ou combinação de arcos que encimam os mastros, a modo de «esphera», resumi-a já na *Revue Hispanique*, IV, 213-214.

25 de Junho.—Fui com o Rev.^{do} Prior á aldeia de *Santa Barbara dos Padrões*, no concelho de Castro Verde.

Vi pela povoação grandes pedaços de *opus Signinum*, uns na rua, outros dentro de casas: em tal abundancia, que o povo já lhes chama *betume*. Num quintal appareceram sepulturas feitas de tijolo, ao parecer, romanas. Tijolos grossos, avulsos, não faltam tambem por toda a povoação.

Ao SO. d'esta fica o sitio do *Comarão* (palavra derivada de *cômoro*), onde vi um lanço de parede muito rijo, construido de alvenaria (*opus incertum*): num sitio tinha 2^m,91 de largura; a altura era de 1^m,06; o comprimento total orçaria ainda por uns 50 metros: esboço-o na fig. 1. Ao pé do mesmo descobriu-se um cano de chumbo (*fistula*) de uns 9 metros de comprimento, e de pouco mais ou menos «um palmo de *ancho*», me disse quem me informou. O muro pareceu-me ser antes muralha de povoação, do que de campo.

Num alto avulta a igreja de Santa Barbara. Na base do monte em que ella assenta, para o lado da povoação actual, vêem-se alicerces de paredes duras, e muitos cacos; está ali uma columna antiga, certamente



romana (tem pregada na base uma cruz de ferro). Tanto nos campos que avizinham a igreja, como em cima, á volta d'ela, abundam fragmentos de tegulas, de tijolo e de vasilhame. Perto da igreja ha parte do alicerce de outro muro, que talvez fosse ligar com o de Comarão: pelo menos é igual a ele, de pedra rebocada.



Fig. 2

A povoação romana a que pertencia tudo isto devia ficar fechada pela muralha: parte d'aquella, ou do termo, era no alto, a outra parte na baixa. O nome de *Comarão* provirá do aspecto da muralha, no estrago em que os seculos a deixaram.

Disseram-me que tinham apparecido muitas moedas, porém não vi nenhuma, como não vi pesos de barro (tão frequentes nas nossas estações romanas!), nem inscrições.

NOTA.—Na minha carteira tenho mais o seguinte: «Na parede do adro ha uma base de coluna, de marmore, romana, igual á da cruz. Ao pé da igreja vê-se a parte superior e circular de um pço de *opus Signinum*, de mais de 1 metro de diametro» (fig. 2). Não posso aqui dizer se a igreja de que aqui se trata é a de Santa Barbara, de que já falei, ou outra.

26 de Junho.—Fui ao lugarejo *dos Geraldos*.

A pouca distancia d'ele fica o monte ou outeiro de S. Pedro das Cabeças, com uma capela em que se lê «1709» (data da reedificação?), e em que está a venerada imagem de S. Pedro. Atestam essa veneração muitos ex-votos que circundam a imagem, tais como cabeças e dentes de cera (*similia similibus!*).

Localizou-se aqui a tradição da batalha de Ourique. O epiteto de S. Pedro provém das *cabeças* dos reis mouros degolados pelos Portugueses. Quem sobe ao alto do monte descobre diante de si amplo e triste descampado sêco, com azinheiras e oliveiras esparsas, que tornam ainda mais melancolica a solidão.

Da capela avista-se a *Altura das Cachaçadas*, onde D. Afonso Henriques, por serem poucas as suas tropas, mandou que cada soldado acendesse sete fogueiras: assim fazia crer aos Mouros que dispunha de muitas fôrças. Esta lenda é um ramo da que estudei no *Arch. Port*, XVI, 148 sgs.; só na presente versão alentejana figura o fatidico «sete», tão querido das superstições: cf. o mesmo periodico, p. 152, nota 7.

No local em que se edificou a capela de S. Pedro creio que houve uma estação romana, porque em volta encontrei muitos cacos anti-

gos, e entre eles fragmentos de tegulas. Ao pé fica um fraguado onde diz o povo que existia uma pègada do cavallo de D. Afonso Henriques. Procurei ver se lá se descobriria efectivamente alguma insculptura que justificasse a lenda, e nada encontrei; mas um camponio que ia comigo asseverava ter visto a pègada, isto é, qualquer cavidade. Em todo o caso a lenda é intensa e lata. Já nas *Religiões*, I, 381, nota, me referi a tradições analogas, e para lá remeto o leitor.

Mais uma lenda curiosa vou relatar. D. Afonso Henriques tinha por companheiro um Gil, ainda imberbe. O rei não queria que ele fosse à guerra, por ser demasiadamente novo: o rapaz, que era muito valente, resistiu á ordem rial, e praticou tais feitos, que D. Afonso lhe disse: *Ah! Gil, || Quem tivesse de ti mil!*¹.

O meu *cicerone*, que, como notei, era um camponio, falou-me da *Cova da Moira*, —penedo que tinha por baixo um buraco onde apparecia uma Moira pelo S. João. Apesar da grande volta que dei para ver o penedo, e do muito sol que apanhei, não o descobri. Contudo a lenda tem certa vida, pois a ouvi a outras pessoas.

Saimos dos Geraldos em *carrinha*, andámos grande extensão de terreno, sêco e sem arvores, até á *ribeira de Cobres*, que ladeámos, e que, cheios de calma, como andavamos, nos consolámos de ver correr entre heloendros de flores vermelhas. Numa altura avistava-se o *monte* do Val de Mertola, muralhado, como um castelo. Aqui *monte* quer dizer «habitação rural», «casa de herdade». Para ele nos dirigimos, e nele descansámos um momento. Na herdade tinha apparecido um machado de pedra, que me ofereceram.

Depois, continuando a excursão pelo *inland*, tomei conhecimento de uma curiosa série de monumentos arcaicos, chamados pelo povo *castelos*, de que vou falar.

1.º castelo:

Na supradita herdade do Val de Mertola, ao fundo, á direita da *ribeira de Cobres*, ha um monticulo de terra, de uns 6 metros de alto, e de uns 24 de diametro, o qual começa a elevar-se quasi de junto da agua. Do lado do rio tem um muro grosseiro, e parte de outro, que

¹ Contaram-me que isto se lia em um folheto intitulado *Fátima e Xanxo* (i. é, *Sancho*), folheto certamente da especie dos da literatura de cordel. Não pude averiguar nada.

forma angulo recto com aquele (fig. 3). O monticulo em cima é artificial (atêrro). Ao centro vê-se uma excavação, onde se descobre entulho, pedra e adobe; dentro achei um pedaço de bojo de anfora romana de barro, com asa. Pelos arredores achei fragmentos de telhas e um gargalo também de anfora. Ao monticulo chamam *Castelo*, e ao sítio *Castelo do Curral da Zorra*¹. D'aqui avistam-se outros *castelos*, que adiante menciono.



RIBEIRA

Norte

Fig. 3

Em *a*, ao pé da ribeira, appareceu uma «pia» de *opus Signinum*, de que vi bocados (feitos de cacos, cal e pedrinhas). Dentro estava um pedaço de chumbo, que trouxe para o Museu. — Disseram-me que por ali havia outras «pias».

2.º castelo:

Estamos diante de outro monticulo, muito maior que o precedente. Chama-se *Castelo d'entre as ribeiras*, porque fica entre as de Maria-Delgada e Cobres. Tem vestigios de muralhas. Encontrei nele asas de anforas, um bico fundeiro de anfora, e outros cacos. As duas ribeiras banham-lhe o sopé. É um castro perfeitamente insulado.

3.º castelo:

O terceiro *castelo* chama-se da Amendoeira. É um outeiro inteiramente insulado como o anterior: dista uns 500 metros da *ribeira da Maria-Delgada*. Tem pelo menos duas ordens de aterros (fig. 4).

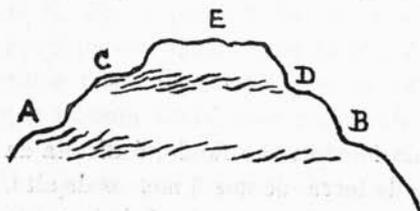


Fig. 4

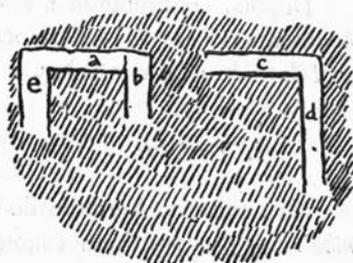


Fig. 5

O diametro do atêrro superior (C-D-E) orça por 26 passos. Em cima, neste atêrro, ha muros de pedras de xisto, assentes umas nas outras, horizontalmente. O que se vê dos muros enterrados, olhando para o

¹ Na linguagem do Sul *zorra* quiere dizer «raposa».

chão, é o que consta da fig. 5 (planta). O atêrro inferior (A-B) tem também vestígios de muros. Pelo menos o atêrro de cima é artificial.

Temos aqui verdadeiramente outro castro, ou *oppidum*, com sua *ara*. O *oppidum* é porém pequeno. Nele achei parte de um *pondus* de barro, e muitos cacos: bojos e asas de anforas, fragmentos de telhas. Também aí apareceram, segundo informações exactas que colhi, nove candeias de barro (estas candeias não eram vidradas, eram portanto pre-arabicas).

4.º castelo:

Chama-se *das Cachaçardas* (ou *Cachaçadas*? Cfr. supra). Nada achei nele.

5.º castelo:

Chama-se da *Caxia* ou *Cachia*. Perto da herdade do mesmo nome, frêguesia de S. Marcos, concelho de Castro Verde.—Falo por informações, pois não o vi.

Parece que ha um 6.º castelo dentro da herdade do Romeiro.

27 de Junho.—Tendo regressado a Castro Verde ao anoitecer do dia 26, parti no dia 27 para Ourique, acompanhado do Rev.º Prior. Fomos também de *carrinha*, como na vespera. Ourique, desde os dias do bispo Cenaculo, goza da fama de possuir lapides ibericas, e eu ia, mas em vão fui, á procura d'elas!

A estrada era muito extensa, e atravessava campinas aridas, em que apenas, como sinal de vida, apareciam aqui e além algumas azinheiras. Passámos pelo Rosario, aldeia paroquial, com uma igreja branca ao pé da estrada: defronte da igreja estava o cemiterio negro e triste, dentro do qual se via uma figueira e mais uma azinheira.

Na frêguesia do Rosario haviam aparecido, cêrca de vinte anos antes, como lá me informaram, oito espetos de bronze, do tipo dos de que falo na *Historia do Museu Etnologico*, p. 189, espetos que foram mandados para Lisboa. De um d'elles vim eu depois a saber que passára á posse de Manuel Joaquim Carrilho Garcia, administrador do 4.º bairro, e pai de Joaquim Carrilho, empregado da Farmacia do falecido Conde de Restelo, em Belem; creio porém que se extraviou. Dos restantes espetos não pude averiguar o paradeiro.

Deixando o Rosario, continuámos o nosso percurso. Para matar o tempo, o cocheiro começou a cantar a moda da *ó Rosaira*, *ó Rosairinha*, ou porque ella estava então muito em voga, ou por associa-

ção de ideas, motivada pelo nome da povoação; e o S.^{or} Prior fazia côro com ele. Ao lado da Archeologia anda quasi sempre a Etnografia!

A 1 legoa, *plus minus*, do Rosario ficam, segundo ouvi, os *Castelinhos*, que parece são o mesmo que os *Castelos* do campo de Castro Verde. Neles se tinham descoberto, havia tempos, «uns pratos de barro». Andados 21 quilometros de estrada macadame, durante pouco mais de tres horas, chegámos a Almodovar.

Esta vila é muito superior á de Castro: maior, mais alegre, melhores ruas, e melhores casas. Numa casa vi de relance uma

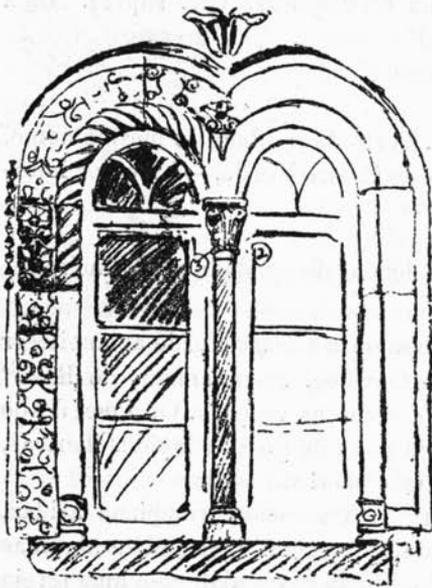


Fig. 6

janela de arco duplo e rendilhado, que me pareceu digna de nota: ficaram de me mandar uma fotografia, que nunca recebi; mas supre-a artisticamente o desenho que se reproduz na fig. 6, devido ao S.^{or} Alberto Sousa, que me permitiu extrai-lo de um dos seus albuns.

De Almodovar prosseguimos a jornada, agora sem macadame, por meio de sobreirais. Faltava ainda caminhar cinco horas.

Como alguém me dissesse que na herdade da *Alpechina* ou *Alprechinas* morava um individuo que podia dar infor-

mações acêrca de inscrições ibéricas aí apparecidas ou perto, dirigimo-nos lá, de caminho, antes de chegar a Ourique. Eram 10 da noite, e noite sem luar. Diante de nós viam-se manchas negras, de arvores, azinheiras ou sobreiros, que são, por assim dizer, as do Alentejo. Em seguida appareceu-nos o *monte*, isto é, a casa rustica. Tudo silencioso, e do silencio inferimos que os moradores dormiam. Batemos á porta, chamando pelo dono da casa. Este não se fez esperar, com uma luz na mão. Era alto, grosso, cabeludo, palido, de grandes olhos pretos, que esfregava, vindo, como vinha, do sono. Quando, após os cumprimentos, lhe fiz o meu interrogatorio, respondeu-me com a maior naturalidade do mundo: — *Bem sei! são sonhos! mas já por lá se mexeu muito, e não se encontrou dinheiro nenhum!* O pobre

homem nada me adiantou, pois pensava que eu, guiado por advertencia de sonho, *ex visu*, como no tempo do deus Endovelico, ia em busca de tesouros enterrados. O descobrirem-se de vez em quando, com o arado ou a enxada, objectos antigos de ouro, e moedas, mantem a crença em sonhos, que por aqui está muito arraigada, como não só agora verifiquei. Este sobrenaturalismo dos Alentejanos não se compara porém com o dos Beirões, que supõem encantadas as riquezas, tornando-se preciso desencantá-las para as obter, e que não raro afirmam que as pedras com que os pastores em alguns outeiros atiram ao gado são verdadeiramente ouro.

Perdidas assim as passadas até Alpechina, desandámos para Ourique, onde entrámos pelas 10 e meia. D. Afonso Henriques, depois da batalha, que, de certo, direi de passagem, se travou noutra Ourique, longe d'esta¹, não chegou á sua tenda mais fatigado do que nós, que traziamos oito horas de andada, desde Castro Verde.

O meu intuito, indo a Ourique, era fazer uma excursão ao célebre *oppidum* da Cola, que fica no concelho.

28 de Junho. — Partimos ás 7 da manhã para a Cola. Seguimos algum tempo por *estrada nova*, isto é, por macadame. Ao longe o terreno ondula-se, e avistam-se algumas arvores, que suavizam um pouco o aspecto do chão, mirrado e vestido de restolho. Á saída da vila ha uma vinha verde e uma horta, que, sem receio de abusar do *simile*, já tão batido, formam verdadeiras oasis neste deserto.

A uma hora de Ourique encontrámos a aldeia de Palheiros, que tinha num alto um moinho de vento com a vela a adejar. Parte do terreno circunjacente estava coberto de mato; noutra parte descortinavam-se arvores, e havia-se, pouco antes, ceifado trigo, que formava *mêdas* pelas eiras. As casas nem todas eram caiadas, e dos

¹ Vid. sobre o assunto: Borges de Figueiredo na *Revista Archeologica*, III, 67-68 (ele supõe que a batalha fôra no *Campo de Ourique* de Lisboa); David Lopes, *Alexandre Herculano, A. C. Pereira e a Batalha de Ourique*, Lisboa 1900; o mesmo, *Os Arabes na Obra de Alexandre Herculano*, Lisboa 1911, p. 165, separata do *Boletim da Segunda Classe da Academia de Sciencias*, t. III e IV (David Lopes supõe que a batalha foi para os lados do Cartaxo, onde ha um *Chão de Ourique*). [Recentemente tornou na imprensa a falar-se da batalha e do milagre de Ourique, mas querendo sustentar-se cousas tão inverosimeis, e ha tantos anos refutadas, que não julgo prudente relatá-las aqui].

telhados nenhum. A povoação apresentava-se pois negrejante, o que diferia do que costuma acontecer no Sul.

A Senhora da Cola. — O santuario da Senhora da Cola jaz numa montanha que deita para duas correntes de agua que lhe passam ao sopé, o *barranco do Burdo*, ao Poente, e o *barranco da Horta do Marchecão* ou *Marchicão*⁴, ao Norte; este último toma o nome da herdade do Marchecão, em cujas proximidades passa. De outro lado, ao Sul, corre a *ribeira de Odemira*. Nos sitios em que a montanha fica sobranceira aos dois *barrancos* é muito alta, com boa defesa natural.

A Senhora appareceu no local onde hoje está: quizeram fazer-lhe uma ermida mais longe, porém ella fugia para aqui. A relutancia da Senhora em deixar a Cola era tal, que uma vez, levando-se em procissão a imagem velha, ou *Senhora da Cola velha*, pesava muito, e os que a conduziam viram-se por isso obrigados a retroceder. Já no *Arch. Port.*, XXII, 147, me referi a lendas d'este genero, as quaes datam da antiguidade. O povo nas festas da Senhora canta as seguintes delicadas cantigas:

A Senhora da Cola É linda santinha: Hei-de convidá-la P'ra minha madrinha.	A Senhora da Cola Mora numa altura, Coberta de rosas Até á cintura.
---	--

A Senhora da Cola
 D'altares teve onze;
 Por cima das tôrres
 Dois galos de bronze.

A última cantiga, se é exacta quanto aos galos, ou cata-ventos, não o é quanto aos altares, que são só tres: o número *onze* viria por causa da rima, fenomeno que tem muitos paralelos na poesia rustica.

Como vulgarmente acontece, ha perto do santuario, ao fundo, uma fonte da invocação da padroeira do lugar, isto é, *fonte da Senhora da Cola*: é provavel que contenha virtudes, porém nada ouvi a tal respeito. Com o character lendario da montanha se relacionam outras designações: *fonte do Moinho do Sino*, nas baixas, e *pégo do Sino*. Este *sino*, que se perpetúa no onomastico, tocava na manhã de S. João *no tempo da Moirama*. Constantemente o nosso povo attribue aos Mouros lendas e ruinas!

⁴ Gabriel Pereira, num opusculo que adiante cito, diz *Martscão*; mas eu ouvi *Marchecão* e *Marchicão*.

Ha outras credices arcaicas, como a que vou notar. Numa ladeira que vai ter ao *barranco da Horta do Marchitão* vê-se uma lage natural a que se chama *Pedra escorregadia*, porque aí vão deixar-se escorregar homens e mulheres no dia da festa. O atrito fez que já se produzisse grande sulco ou rêgo na pedra. Qual a razão d'este brinquedo? O povo não m'a disse quando estive na Cola, mas tempo depois ouvi contar que havia ali uma lage por onde as mulheres grávidas iam escorregar-se para serem felizes no parto. Se a lage é a mesma, como supponho, temos a explicação quanto ás mulheres. Falta quanto aos homens. Noutras terras de Portugal existem costumes analogos¹, bem como lá fóra, por exemplo, em França².

*

Quando ha assim um santuario, num alto e num ermo, e de mais a mais poetizado pela lenda, devemos supor que ele substitue ou representa civilização mais antiga. De facto, na montanha da Senhora da Cola existem vestigios de eras remotas, o que já foi reconhecido ha muito por varios indagadores das cousas do passado, Rêsende, Cenaculo, Gabriel Pereira, Estacio da Veiga: vid. a bibliographia no *Corpus Inscr. Lat.*, t. II, p. 788, e nas *Religiões*, II, 5-6. Estacio da Veiga tambem reproduziu no vol. IV das *Antiguidades do Algarve* um mapa da Cola, tal como se encontra entre os papeis de Cenaculo, na Biblioteca de Evora.

Os mencionados vestigios consistem principalmente em aterros artificiais ou fortins, que se descobrem em alguns sitios, e que o povo denomina *castelinhos*, palavra muito usada, como acima vimos, nestas partes do Alentejo: por exemplo, um de tais aterros tem o nome especial de *castelinho do Pedacinho da Parede*. No ponto mais alto da montanha, especie de *arx*, vêem-se igualmente aterros (grandes). Subterraneamente ha aqui um vão abobadado, que tem as paredes rebocadas, e o rebôco pintado (rebôco mais fragil do que o *opus Signinum*, como se pôde ver de pedaços que vieram para o Museu Etnologico): creio que é a este vão que G. Pereira, no seu folheto intitulado *Notas de Archeologia*, Evora 1877, p. 9, chama «cisterna». A minha visita foi muito fugitiva, como a dos meus predecessores: não pude fazer mais do que tomar apontamentos breves. Merecia contudo a pena enviar á Cola uma expedição archeologica que explorasse metodicamente o terreno e tirasse boas plantas e fotografias.

¹ Vid. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, § 203.

² Vid. P. Sébillot, *Le Folk-lore de France*, I, 335 sgs.

Objectos que encontrei avulsos: dois pedaços de fustes de colunas de calcareo, e pedras aparelhadas, — tudo certamente da epocha romana; e bem assim: tijolos muito grossos, como os romanos; um gargalo ornamentado (fig. 7); imbrices. Não encontrei tegulas, mas decerto, bem procuradas, appareceriam.



Fig. 7

De tempos pre-romanos encontrei os seguintes objectos de pedra: duas mós concavas



Fig. 8

(figs. 8 e 9), e um percutor arredondado (fig. 10, metade do tamanho natural). Mós d'estas, destinadas a movimento de vai-vem, operado em cima d'elas com outra pedra, são

muito vulgares nas nossas estações pre-historicas: cf. *Historia do Museu Etnologico*, p. 178, nota 1. O percutor, como se vê do desenho,

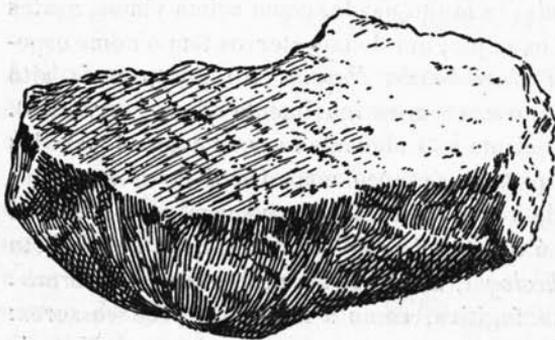


Fig. 9

tem um sulco que o abraça, no qual devia passar uma tira de coiro, ou qualquer corda, que prendesse o instrumento a um cabo. Tanto do modo de trabalhar com as mós, como do encabamento do percutor, dá espécimes graficos (em parte

teoricos) Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, I, 345 e 530. De percutores de sulco fala Pereira da Costa, *Noticia de alguns martelos da mina de cobre de Ruy Gomes* (1868); mas estes são de outro feitio, e mais modernos. Percutores arredondados ha mais no Museu Etno-

logico, pelo menos outro. Todos estes instrumentos devem ser dos fins da epoca neolitica, ou dos começos do periodo calcolítico⁴. Chamo-lhes aqui percutores, á falta de outro termo mais apropriado; excepto se lhes chamasse clavas.

Para o Poente do templo, no chão, vê-se muita caqueirada, e uns restos de edificio, talvez moderno, que o povo diz ser a ca-

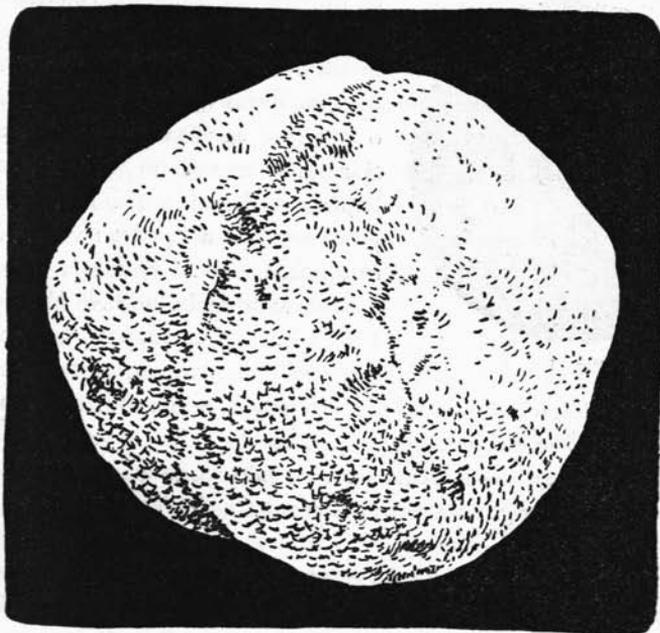


Fig. 10

pela primitiva. A certa distância da Senhora da Cola ha outros fortins: os «castelinhos d'além da Terra do Azinhal».

Resumindo o que fica dito da Cola, vê-se que temos nela um belo *oppidum* ou «castro», que data da epoca pre-romana, e recebeu algum influxo da civilização romana, depois cristianizado. Póde entender-se que o actual culto cristão continuará um culto pagão.

De tarde regressámos a Ourique. Logo de longe se avistava o *Castelo*, que é um monte de amplas vistas, situado ao cimo da vila. Visitei-o, mas na minha rapida visita, de minutos, não achei antigo senão alguns fragmentos de tijolos grossos. A julgar do nome, houve contudo talvez ali um castro lusitano.

⁴ Cf. Déchellele, *ob. cit.*, I, 531.

As ruas de Ourique são ingremes. Pouco me demorei, para que possa falar especialmente da vila: nesse pouco tempo apenas vi algumas memorias historicas portuguezas (inscrições, brasões de armas, etc.). Pelo que toca a objectos arcaicos, obtive uma moeda romana (bronze-medio, de Faustina) e um disco de pedra, que vai desenhado na fig. 11: tem de diametro maximo uns 11 centimetros,

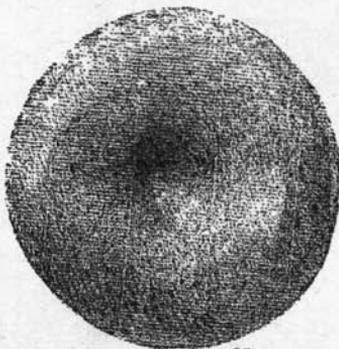


Fig. 11

os bordos boleados, e ao centro de uma das faces uma depressão disposta de modo que, tomando-se a pedra na mão direita, como que para a arremessar, o polegar se fixa ali perfeitamente. Seria instrumento de jôgo, — acaso uma espécie de *δίσκος*; (o disco grego era originariamente de pedra: vid. *Dict. des antiquités*, s. v. «discus»), ou um instrumento de trabalho? No Museu Etnologico ha outras pedras, com analoga depressão central, porém tenho-as como

percutores ou artefactos analogos. Vi tambem em Ourique machados neolíticos, que se julga serem «pedras de raio», e que por isso se guardam em casa com tanta fé, que não pude conseguir nenhum.

De Ourique dirigimo-nos outra vez a Castro Verde, e de lá em 29 a Almodovar.

Ao chegarmos ao monte de Grandaços, depararam-se-nos folguedos populares, pois era vespera de S. Pedro: estava lá armado um *mastro*, como outros de que a cima falei; e as raparigas do sítio, para nos obsequiarem, tocaram adufes e pandeiros, e cantaram várias cantigas.

Na altura dos Moinhos, sôbre a capela de S. Sebastião, perto da qual passámos, apparecêra em tempo um bracelete de ouro, que foi ter ás mãos de El-Rei D. Fernando II. Adiante, numa cêrca, junto da capela de S. Martinho, achei muitos fragmentos de tegulas e outros cacos, e bem assim um fragmento de mó manuarica que veio para o Museu; no mesmo sitio se encontrára em tempos uma moeda arabica de ouro, como me disseram.

29 de Junho.—*Almodóvar*. Nesta vila informaram-me da existencia de várias antigualhas, que passo a enumerar:

- 1) na herdade da Oliveira vêm-se «indicios de Moirama»¹;

¹ As frases que aqui e adiante ponho entre aspas ouvi-as assim mesmo ao povo.

2) na herdade do Val-do-Niso mais «indícios de Moirama», pedaços de louça, e parece que umas pedras com letras;

3) na freguesia de Santa Clara Nova ha o *Castelinho*, «muralha num cerro», «cidade amuralhada»;

4) na herdade da Horta dos Moiros, perto do Castelinho, freguesia de Almodóvar, ha «uma muralha antiga grossa», na cêrca de D. Maria José Maldonado;

5) na herdade das Guedelhas, ou *Desguedelhas* (como o povo pronuncia), existe mais Moirama (vid. adiante);

6) na herdade do Monte Longo descobrem-se «muitos indícios de Moirama» (vid. adiante);

7) na Rocha da Moura, a meia legoa da vila, ha um «buraco que vai dar á Cola»¹;

8) no sítio do Convento, que fica na aldeia da Graça dos Padrões, appareceram pedras aparelhadas, porém não sei de que epoca, e dizem que «ha lá a mina mais rica de Portugal, mas que ainda não está descoberta» (vid. adiante)².

9) no lugarejo de A-dos-Mestres ha vestigios de muralhas, onde appareceram «dinheiros antigos» (vid. adiante);

10) no monte de Brancanes (=Branca Anes: «Branca, filha de João»), propriedade do S.^{or} Visconde de Boisões, «ha grandes vestigios de Moirama» (parte da propriedade chama-se *Alcarial dos Moiros*, e outra parte *Ferrarias*, nomes, ambos eles, reveladores de civilizações arcaicas;

11) na Horta das Moiras (não se confunda com a noticia contida no § 4), freguesia de Santa Cruz, ha do mesmo modo vestigios de Moirama;

12) no monte da Romba, freguesia de Santa Cruz, ha vestigios de minerações antigas.

30 de Junho.—Em companhia do S.^{or} Prior Pires, fiz várias excursões, partindo ambos de Almodóvar acompanhados por um homem do sítio, ou *cicerone*:

a) *Herdade das Guedelhas*:

Num curralinho, antes do monte, encontrei barro romano (teguas, etc.) e um pedaço de mó de granito concava, como as da Cola.

¹ Com frequência o povo, por todo o Portugal, fala de minas que comunicam entre si, ou de minas que comunicam com rios.

² Por *mina* entende o povo tesouros escondidos pelos Mouros. Crença geral em Portugal.

Nem lá, nem aqui ha granito, só ha xisto: por isso as mós vieram de longe.— No *monte* obtive um martelinho de pedra polida, a que chamavam «pedra de raio».— Um pouco adiante, no caminho, estava uma pedra, que vai desenhada na fig. 12, á qual o povo ligava certa superstição, tendo-lhe já arrancado pedaços.— No Curral Alto vi alicerces de paredes e muitos pedaços de barro, sem dúvida romanos: diz o povo que ha aí indícios de «Moirama», como já a cima notei. Por toda a herdade aparecem cacos antigos.

b) *Herdade do Monte Longo*:

Ha nela grandes ruínas: montinhos de pedra sôlta, aqui e acolá. Cada monticulo representa uma casa. Mais de quarenta. Paredes,

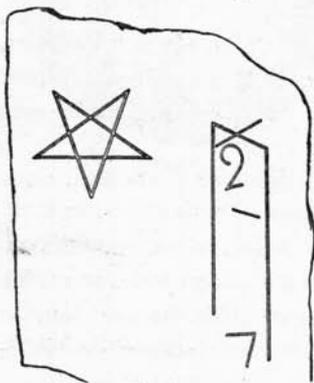


Fig. 12



Fig. 13



Fig. 14

aterros, alicerces de muralhas. De uma das casas existem ainda os alicerces: era quadrada, de quatro passos de lado. Com o meu cicerone ia um pastor que me disse que em certo sítio era a «praça» (i. é, o *forum!*). A estas ruínas chama-se *Alcaria do Monte Longo*. A pouca distancia fica a *Alcaria Alta*, aonde não fui, mas onde tambem, como me informei, ha antigualhas analogas. A *Alcaria do Monte Longo* está em local pouco elevado, produzido por uma ondulação do terreno. A par com as ruínas vi caqueirada: imbrices, pedaços de vasilhas ornados de cordões, como uns que encontrei no Maudinheiro (cfr. *Coisas Velhas*, § 115). Tambem perto fica outra *Alcaria*, denominada *do Tio Palma*, «com edificios da Moirama»; aí se encontrou uma pedra-marmore romana, que depois foi para o *Monte da Vinha*, onde o dono, o S.^{or} José Palma, da melhor vontade m'a mostrou e m'a ofereceu (está hoje no Museu Etnologico: n.º de entrada, 6:340): vid. fig. 13. A pedra tem 0^m,76 de altura, 0^m,21 de espessura, e 0^m,44 de largura maxima, e conteve uma inscrição, de

que só restam tenues vestígios, como se vê do desenho. A última linha seria acaso *-issiMO*, pois antes do O ha uma haste inclinada. Num dos lados da pedra gravou-se uma «palmatoria», isto é, uma *patera*, fig. 14. A inscrição era de certo funeraria.— Junto d'esta pedra, na mesma Alcaria do Tio Palma, acharam-se pedras semelhantes, porém sem letreiros.— Se os vestígios antigos que encontrei, e de que a cima falei, não bastassem para determinar a feição romana dos locais, esta pedra prová-la-ia absolutamente.

c) *Aldeia da Graça dos Padrões:*

Passámos pelo aro. A aldeia jaz nas abas de um outeiro onde está um moinho de vento. O outeiro, visto de longe, tem aspecto de poder ter servido de estação arcaica, e efectivamente chama-se o *Castelo*, e soube que apareceram por lá velharias. Por falta de tempo não pude lá ir.

d) *A-dos-Mestres:*

Á vista do lugarejo de A-dos-Mestres descobrimos um outeiro tambem com apparencia de castro, insulado como está por todos os lados. Subimos lá, e vimos grandes paredes, e aterros artificiais, do meio para cima; cacos romanos por todo ele, e entre os cacos um *pondus*. Disseram-me que apareciam por lá, de vez em quando, moedas, etc., e que o S.^{or} Rufino, das Obras Publicas de Lisboa, que fôra empregado do Matadouro, levára de lá *chocolateiras* e *panelas*, de cobre. O outeiro tem o nome de *Castelo*, e é pois belo castro.

*

O povo dá por aqui o nome de *alcaria* e *alcarial* a um local com ruinas (romanas): *alcarial* designa local maior que o que se designa por *alcaria*. São substantivos comuns: «estas *alcarias*», «aquelas *alcarias*», «outras *alcarias*»¹. Pois que *alcaria* é palavra arabica, que originariamente significa «povoação», «aldeia», vê-se o bem apropriado da applicação moderna: só devemos entender povoação ou aldeia antiga.

*

Temos, assim: *castelo* & *castelinho*, ou castros; e *alcaria* & *alcarial*, que designam estações romanas (sobretudo em baixas do terreno). O Alentejo era em epocas antigas tão povoado como hoje,

¹ Cf. *Religiões da Lusitania*, III, 175, nota 9.

ou mais.— Ás mencionadas palavras *alcaria* (e *alcarial*), de procedencia arabica, e *castelo* (e *castro*), de procedencia romana, as quais se referem a povoados, póde acrescentar-se *briga*, de procedencia celtica, na acepção de «oppidum», «arx», a qual se encontra na mesma região em *Miróbriga*, como quem dissesse «fortaleza do (rio) Mira»¹. Uma serie de quadros historicos!

*

Por estes sitios do Baixo-Alentejo ha muitas casas que não são caídas, o que faz lembrar o Norte de Portugal e a Beira.

Já se sabe que quando nós chegavamos a algum dos lugarejos de que tenho falado, ou a *montes*² remotos, toda a gente se agrupava á volta de nós, espantada. Uns cuidavam que andavamos em busca de tesouros escondidos, outros que eramos agentes do fisco; e por este último motivo um pobre azeiteiro, que negociava com contrabando, não ganhou para o susto, em certa ocasião que de longe nos lobrigou: e não teve outro remedio senão fugir a bom fugir!

J. L. DE V.

Memórias sóbre o concelho do Sabugal

(Continuação d-O Arch. Port., xxvii, 214)

Alguns meses depois de impresso o último artigo relativo ao Sabugal indo a esta vila, conseguimos encontrar ainda, e em bom estado, a pedra de armas cujo desenho me desaparecera e da qual de memória fiz um tóscó desenho, temendo que não mais apparecesse tal pedra, que tem certo valor arqueológico.

Dela obtivemos uma fotografia, tirada pelo hábil fotógrafo do Sabugal S.^{or} Correia. Tinha falecido o antigo dono do quintal, e este ficou pertencendo ao filho Francisco Póvoas, que obsequiosamente nos acompanhou ao local onde a célebre pedra estava abandonada, sendo levantada por três robustos vizinhos dele e colocada de modo que se conseguiu uma fotografia nítida (fig. junta).

¹ Cf. *Religiões*, II, 236, nota.

² No sentido alentejano («casa de herdade»: vid. supra); e tambem no de «povoação pequena».